

MURO DA PASTORIA, CHAVES CAMPANHA DE ESCAVAÇÃO DE 1982-83

Teresa Soeiro

AO PROFESSOR SANTOS JUNIOR,
QUE HÁ VINTE E CINCO ANOS ESCAVA CARVALHELHOS,
O MAIS CONHECIDO CASTRO TRANSMONTANO.

A estação conhecida sob a designação de Muro da Pastoria é um povoado fortificado de altura, situado em terrenos do lugar da Pastoria, freguesia de Redondelo, concelho de Chaves, distrito de Vila Real (Fig. I).

Enquadra-se num conjunto de povoados que ladeiam a veiga de Chaves, acompanhando a meia encosta o vale do Tâmega (Fig. II). Sobre as folhas 33 — Serraquinhos, 34 — Chaves, 46 — Boticas e 47 — Chaves Sul dos Serviços Cartográficos do Exército desenhamos o mapa da Fig. II, onde se torna clara a posição desta estação, num esporão da serra, a 600 m de altitude, sob o marco da Bandeira, ponto mais alto desta área, com 777 m (Est. I).

À medida que nos aproximamos do Tâmega, as curvas de nível são mais espaçadas, assinalando as terras planas e ricas da veiga, sobre as quais este e outros castros se colocam em posição dominante, com ampla visibilidade (Est. I.3), respeitando um padrão de ocupação ainda mantido em meados do nosso século.

As coordenadas médias são:

0° 34' 16" E
41° 43' 50" N
600 m

A Carta Geológica de Portugal, folha 6B CHAVES, e respectiva notícia explicativa⁽¹⁾, indicam que a Pastoria se acha numa extensa mancha de granitos alcalinos de grão médio e grosseiro com duas micas.

*

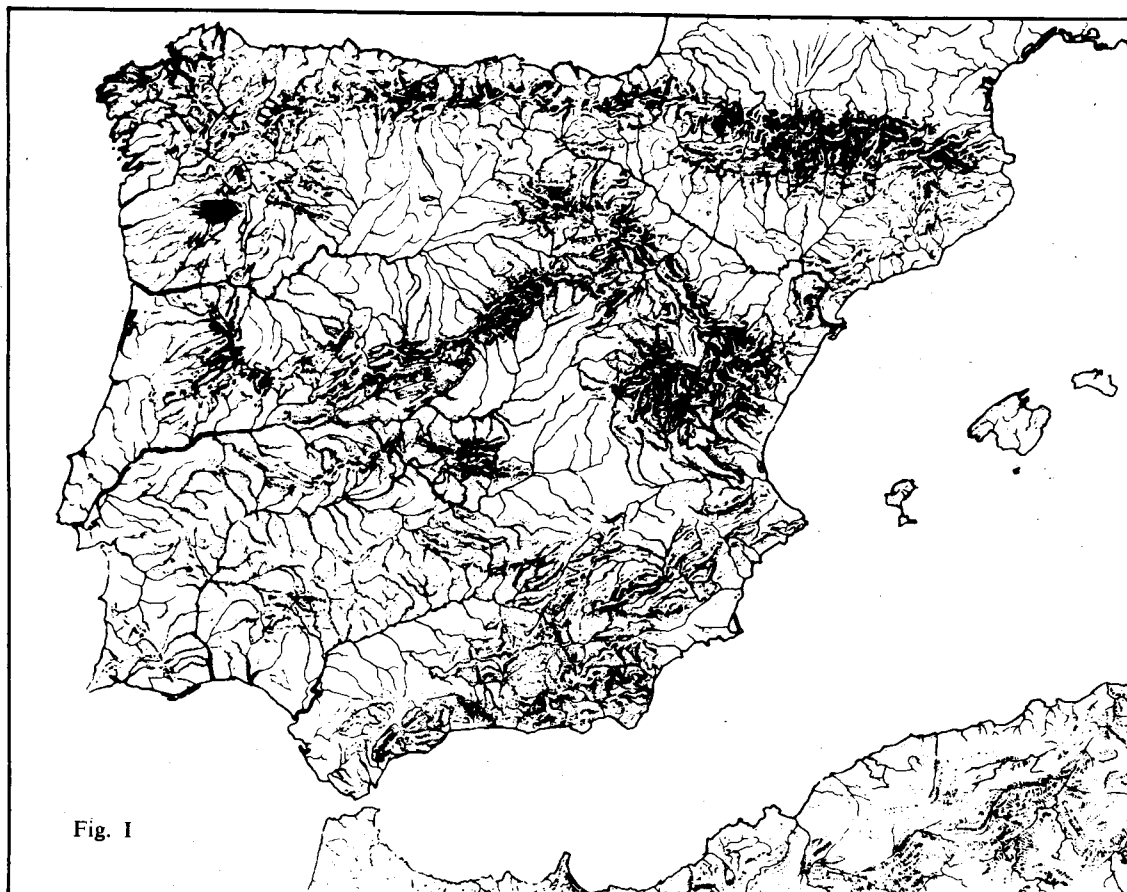
Ao Muro da Pastoria corresponde, na carta dos Serviços Cartográficos do Exército, o topónimo Castro, por si significativo para nos levar a procurar uma estação arqueológica com determinadas características gerais. Aliás já António Montalvão⁽²⁾ referiu o local. A muralha, bem conservada e patenteando um aparelho cuidado, atrairá a curiosidade da população.

Uma vez visitado o castro, na companhia de colegas da Faculdade de Letras do Porto e de elementos da Câmara Municipal de Chaves, verificou-se que, na área baixa, as muralhas se conservavam em alguns tramos bastante elevadas, sustentando grande volume de terras com espólio à superfície. Na coroa, uma tentativa frustrada para abrir caminho rodeando o cabeço havia sido responsável pelo derrube da muralha, que se apresentara aos trabalhadores alta, com paramentos de grandes blocos. Face à dificuldade em desmontar a construção, esta foi abandonada em situação de derrube iminente, tendo-se optado por alargar o antigo caminho que, na vertente voltada à serra, ocupava o fosso do castro.

⁽¹⁾ TEIXEIRA, Carlos — *Carta Geológica de Portugal na escala 1.50.000. Notícia Explicativa da folha 6B CHAVES*. Lisboa 1974.

⁽²⁾ MONTALVÃO, António — *Visitas a castros nos arredores de Chaves*. Chaves, 1971, p. 94.

As duas curtas campanhas de escavação realizadas em 1982 e 1983, na companhia de alunos da Faculdade de Letras e de colegas hispânicos⁽³⁾, incidiram primeiramente na área destruída pela tentativa de abertura do caminho (sector C), com limpeza e ampliação do corte de forma a torná-lo minimamente legível, e posteriormente na parte baixa (sector A), no interior da última muralha, onde esperavamos deparar com a zona ocupada por habitações.



ESTRUTURAS E ESTRATIGRAFIAS

O Muro é, como se pode ver na Est. I2, um esporão da serra, com perfil assimétrico, que se prolonga até à zona baixa em encosta bastante inclinada mas extensa⁽⁴⁾.

Para delimitar e proteger o povoado foi aberto um fosso que o isola pelo lado mais acessível, o da serra. Esta defesa está hoje quase apagada por ter sido transformada em caminho, cuja utilização rebaixou o leito a um nível inferior ao antigo e o alargou. Dado que a coincidência de traçados não é total, os taludes do caminho mostram bolsas que testemunham o seu perfil.

Dúvidas ficaram-nos quanto à existência de pedras fincadas no exterior do fosso, pois alguns blocos dispersos poderiam ser restos de campos mais extensos e organizados.

Lamentavelmente não possuímos ainda a planta deste povoado⁽⁵⁾. As linhas de muralha são no entanto bem visíveis, acompanhando a topografia do cabeço, o que as leva a desenhar circuitos

⁽³⁾ Nunca será demasiado realçar a gratidão devida, ainda que nem sempre expressa, a todos os companheiros, alunos, trabalhadores e populações que, em situações quase sempre precárias, nos apoiam. Os materiais exumados durante a campanha de escavações encontram-se depositados no Museu de Antropologia da Universidade do Porto.

⁽⁴⁾ As vinhas onde escavámos estão na sequência do campo lavrado visível em primeiro plano, encobertas pela vegetação.

⁽⁵⁾ Apesar da muita insistência e de reiteadas promessas, desde 1981, a Câmara Municipal de Chaves, que juntamente com o IPPC subsidiou estes trabalhos, mostrou-se incapaz de realizar este levantamento ou de o solicitar a outra entidade.

ovalados excêntricos. Estrangulados entre o topo do monte e o fosso, os vários panos confundem-se na parte superior, para depois, individualizados, se alargarem criando plataformas sucessivamente mais extensas à medida que descem a vertente voltada ao vale.

*

O nosso sector C, escavado em 1982, é a recuperação do corte pré-existente na muralha exterior, junto do cabeço. Feita uma primeira limpeza surgiu a face da muralha, constituída por grandes blocos graníticos bem picados, colocados em seco, assentes no solo natural. O interior é preenchido por pedras de menores dimensões, também em seco, o que facilita a destruição levada a cabo para recolher pedra ou pelos agentes naturais (Est. II).

Prolongamos o corte em busca da face interior, mas surgiu-nos nova muralha, encostada à exterior e construída com técnica idêntica. Avançamos para o interior desta segunda linha, todo ele pedra solta, sem no entanto conseguirmos surpreender qualquer face voltada em direcção oposta às anteriores⁽⁶⁾.

Confirmamos assim que várias linhas de muralhas se reúnem no alto, adossadas de forma a que várias delas dispensem face interna. Salientamos mais uma vez esta posição invulgar das defesas em relação ao ponto mais alto do monte, comparável com os croquis apresentados por António Montalvão para o Muradal de Loivos e o Monte de Amalhó, ambos no concelho de Chaves.

A estratigrafia que encosta, pelo exterior, à muralha (Fig. III) é bastante simples. A primeira camada de terra vegetal segue-se um estrato amarelo, arenoso com pedras caídas da muralha. A terceira camada é amarelo acinzentada, também bastante solta, e apresenta em alguns locais próximo da muralha uma língua de saibro compacto. O espólio é extremamente escasso, constituído sobretudo por fragmentos muito rolados tanto originários do povoado castejo como das ocupações pre-históricas que estão em cota pouco inferior. Correspondendo à construção da muralha, este nível corta o último estrato, amarelado, fino e compacto, com manchas escuras.

A pedra para a construção pode ter sido obtida no próprio local, trabalho de que resultariam os cortes nos penedos da base. Simultaneamente, os penedos assim horizontalizados servem de alicerce à muralha. O aparelho, conservado nas fiadas inferiores, é irregular, tendo os blocos uma face cuidadosamente picada. Talvez que se os paramentos atingissem maior altura nos surgissem com aparelho semelhante ao dos lanços deste mesmo circuito conservados no sector A.

*

A segunda sondagem a que procedemos, iniciada em 1982 e alargada em 1983, incidiu no ponto oposto do castro, isto é no interior da última muralha onde esta forma a plataforma mais baixa voltada ao vale.

Este sector (Fig. IV) não pertence à área florestal mas é já integralmente coberto por vinhas e hortas, com bastante água. Os trabalhos beneficiaram de uma situação provisória de abandono de um amplo socalco posto em venda pelo proprietário. Uma vez realizada a transacção, o novo dono, se quiser recuperar a vinha, terá de saibrar novamente a mais de um metro de profundidade, operação já anteriormente realizada aquando da plantação das actuais cepas. Uma pesada ameaça paira portanto sobre este sector baixo do povoado, o único com boas indicações para ter servido de área de construção, visto que na vertente, de plataformas estreitas e escarpadas entre muralhas, estas seriam difíceis de erguer.

Os trabalhos múltiplos ao longo do ano e os saibramentos regulares inutilizaram para a arqueologia as terras pelo menos até cerca de um metro de profundidade, chegando em muitas zonas a camada revolvida a atingir o saibro de base.

Conscientes desta situação, implantámos a primeira vala de sondagem em perpendicular a um ponto em que a face externa da muralha tinha mais de dois metros de alto (Est. IV 2). A conservação desta deve-se à sua função actual de suporte de socalco e divisão de propriedades. Tem aparelho cuidado, de blocos com face bem picada, encaixando perfeitamente, quase dispensando as pequenos rachas. As fiadas são simultaneamente horizontalizadas, as superiores, e de colocação oblíqua, as mais baixas, utilizando ora blocos quadrangulares ora poligonais, por vezes colocados sobre um dos vértices.

A vala I de 1982, perpendicular à muralha, tem três metros de largura por nove de comprimento (Est. III). Foi lançada com o fim de obter uma leitura estratigráfica relativa à construção defensiva e ao mesmo tempo para recolher espólio com ela relacionado.

⁽⁶⁾ A falta de condições mínimas de segurança impediu-nos de prolongar o corte no início do declive. O facto do enchimento ser de pedra solta, ainda mais desagregada pelas raízes de pinheiro, tornava eminente o perigo de derrocada.

Dos cerca de 3,5 metros de espessura, a muralha está à superfície reduzida a um muro de 0,8 metros que sustenta as terras anualmente atingidas pela lavoura. Abaixo destes níveis a estratigrafia da vala (Fig. V e Est. IV 3) aparece-nos muito marcada pela presença de um penedo com forte pendente que restringiu a largura inicial de 1/3 aproximadamente e explica a enorme inclinação lateral da estratigrafia. O perfil mais fundo atingiu os quatro metros.

A leitura mostra um estrato de cultivo. Debaixo deste temos uma espessa capa de terra finíssima, castanho avermelhada, com barro, de deposição lenta facilitada pela presença da muralha. O terceiro estrato, amarelado, com pedras, deve corresponder à destruição da muralha. Entre os blocos caídos existem também fragmentos de moínhos circulares manuais.

O nível quatro é de ocupação, com terra acinzentada e muitos carvões. Uma lareira assenta sobre o penedo, perto da face interna da muralha. A esta profundidade a muralha foi reforçada ou protegida pela colocação de lajes aplanadas enterradas verticalmente acompanhando a face. A restrita área escavada não permite verificar se este cuidado foi extensivo a todo o perímetro muralhado ou se apenas se centrou no local ou locais para onde o solo natural mais fundo faria convergir as águas. O espólio a este nível é pouco numeroso se comparado com o dos estratos inferiores, mas muito idêntico àquele. Aliás a vala II de 83 está a esta mesma profundidade, com uma construção sobre o solo natural.

As camadas que se encontram sob este estrato preenchem uma baixa do saibro, e são alternadas de tom amarelo e negro até ao estrato 9.0 décimo é cinzento claro, e o último cinzento escuro, com bastante cinza, landes carbonizadas, cerâmica em fragmentos de grandes dimensões que permitem reconstituir perfis completos, escórias de ferro e bronze, blocos de barro pertencentes a forno e blocos com impressão de ramos.

Embora não fique registado na leitura, por esta deparar com o penedo sobre o qual está a lareira, a muralha assenta no solo natural, de granito podre, sendo a face interna pouco elaborada, com pedras pequenas, irregulares e sem face bem picada. O ajustamento e colocação das fiadas é pouco cuidado, deixando largos intervalos parcialmente preenchidos por cunhas. À altura do estrato seis as pedras ainda mais irregulares, ficam salientes formando uma sapata alargada (Est. IV 1).

A vala II de 83 é perpendicular à anterior, acompanhando sensivelmente a direcção da muralha (Est. V 1). Tem três metros de largo por vinte e um de comprimento. Não se iniciou no cruzamento com a vala I por nessa área o saibro estar muito próximo da superfície, não garantindo a conservação de níveis arqueológicos.

A estratigrafia (Fig. VI e Est. V 2), bastante simples, confirma a leitura anterior. O primeiro nível é revolvido todos os anos e o segundo, de terra muito escura e gordurosa, recebeu os fertilizantes naturais antes da plantação da vinha. A profundidade deste é, na zona média do socalco, sensivelmente constante, fazendo com que os estratos arqueológicos se conservem apenas nas margens ou onde o natural é mais fundo.

O estrato terceiro é terra muito solta, com grandes blocos pétreos de face bem talhada, caídos seguramente da segunda muralha. Cobre a área escavada, repousando sobre o saibro base. Nele recolhemos grande parte do espólio, bem conservado dadas as características da terra.

Junto da construção circular vemos um quarto nível, de terra acinzentada.

A construção está ao nível do saibro, e é de interpretação bastante difícil, para nós, dado ser a única posta a descoberto neste povoado e faltarem paralelos em estações próximas. Desenha uma circunferência de 4,5 metros de diâmetro, com o perímetro incompleto a SW, onde o trabalho da vinha atingiu o natural. Pequenos esteios rectangulares enterrados no saibro, bastante baixos e regulares, delimitam uma área circular na qual a nota mais saliente é a existência na zona central de grande quantidade de restos de trabalho do ferro (+ 35 kg) e uma mó manual circular. Acompanha os esteios pelo exterior e interior uma coroa de pedras pequenas, caídas, que não voltamos a encontrar em outros pontos da vala. Pertenceram, talvez, juntamente com os blocos de barro com impressões ramiformes, às paredes da cabana.

A vala II prolonga-se para lá de um muro moderno de delimitação de parcelas, diminuindo os estratos com interesse arqueológico. Perpendicular a esta última parte da vala lançamos uma outra (vala III de 83) em direcção à muralha, que viemos a encontrar à altura a primeira fiada. O material desta última sondagem além de escasso não oferece confiança.

*

Chamamos sector B a uma vinha contígua, também dentro do perímetro da última muralha. O proprietário, alertado pelos trabalhos de 1982, recolheu grande quantidade de espólio cerâmico surgido ao lavrar mais fundo do que o habitual, no ponto assinalado.

*
* *

MATERIAIS

Antes de referirmos os objectos cerâmicos e metálicos que, abstraídas as particularidades, desde início esperávamos encontrar no Muro, temos de salientar a presença marcante de alguns meios utilizados na sua produção. A raridade destes vestígios no Noroeste português torna este caso mais importante e clama por observações mais extensas dentro da estação e por toda a região. O paralelo sugerido pelo encontro de fornos cerâmicos e metalúrgicos e de escórias em quantidade vem-nos de além fronteira, sobretudo das escavações de Castromao (Celanova, Orense), mas também das realizadas em outros povoados da Galiza marítima e interior em que estes materiais sempre abundam⁽⁷⁾.

*

A actividade metalúrgica está reflectida no achado dentro do perímetro da construção circular de mais de 35 kg de pequenos blocos de ferro bastante oxidado, que uma análise sumária⁽⁸⁾ de exemplares escolhidos sem critério específico revelou conterem Fe 58%, Cu 0,07% e Sn 0%. A posterior análise de uma partícula metalizada afastou a hipótese de estarmos perante sub-productos de uma exploração de estanho.

A mesma perspectiva é ainda corroborada pelo aparecimento na vala I de 82 de blocos cerâmicos profundamente calcinados, cujo interior, de textura esponjosa e com aderências de metal, nos levou a identificá-los com fragmentos do revestimento interior de um forno para fundição de ferro (Est. VI 1). Estes fragmentos, de parede convexa, conservam no exterior estrias reticuladas levemente impressas, resultado talvez do barramento ter sido executado fazendo aderir o barro informe a material vegetal. A análise aponta, para o interior destes blocos enegrecidos e calcinados um teor de Fe 1,97% e Cu 0,13%.

Deslocados da sua situação original e atirados para um enchimento, estes fragmentos dizem-nos quase nada sobre a actividade do forno a que teriam pertencido. No entanto, os poucos exemplos conhecidos na Europa protohistórica, os fornos até há pouco utilizados neste continente e mais recentemente ainda em outros, permitem-nos entrever a precaridade destas construções cuja cúpula ou chaminé poderia ter de ser destruída no final de cada operação para recuperar o bolo obtido e esvaziar o forno⁽⁹⁾.

Indispensável seria um posterior trabalho de forja onde o metal, que não atingira na fusão a temperatura ideal, pudesse ser endurecido e transformado em objectos.

Objectos em ferro temos apenas um, pequeno agrafe com 1 cm de comprimento. Instrumentos de ferro não foram recolhidos nestas sondagens, embora os conheçamos em Castromao, por exemplo.

A localização do(s) forno(s) e forja(s) seria na periferia do povoado ainda dentro da última muralha, de acordo com a imagem de medo, perigo e sigilo de que esta profissão de longa aprendizagem, muitas vezes hereditária, se revestia, dando aos artistas um posicionamento socio-cultural ambíguo⁽¹⁰⁾.

*

A metalúrgia do bronze está também documentada. O achado de um pedaço informe, escorrido antes de solidificar, permite-nos dizer que se fabricavam objectos, ainda que não saibamos se os metais e as ligas era preparadas no Muro.

⁽⁷⁾ As últimas escavações realizadas em Castromao estão ainda inéditas. Referimo-nos a elas com base nos dados surgidos durante a nossa participação nos trabalhos, sob a superior orientação de Francisco Fariña Busto, nos materiais que posteriormente visionámos no Museu Provincial de Orense e ainda em tantos ensinamentos colhidos em frutuozas discussões com os companheiros e amigos galegos.

⁽⁸⁾ Agradecemos ao engenheiro Roberto Cavalheiro, do departamento de Metalurgia da Faculdade de Engenharia do Porto estes primeiros dados, deixando para mais tarde e para projecto competente uma reflexão cuidada sobre o seu significado.

⁽⁹⁾ PLEINER, Radomir — *Early iron metallurgy in Europe. The coming of the age of iron*. Yale University 1980, p. 375 e segs.
CUSTÓDIO, Jorge; Barros, G. Monteiro — *O ferro de Moncorvo e o seu Aproveitamento através dos tempos*. 1984, p. 28 e segs.

⁽¹⁰⁾ ELIADE, Mircea — *Forgerons et alchimistes*. Paris, 1977, p. 72 e segs.

Os objectos em bronze são variados, alguns requerendo observação cuidada. Está nesta situação a fibula zoomórfica com representação de cavalo, achada à superfície no sector B.

A fibula (Fig. VII 1), que parece ter sido elaborada em molde bivalde, reproduz o animal em volume e com cuidados especiais por exemplo na cabeça. As orelhas são ponteadas e bem talhadas, os olhos levemente marcados por incisões, as fossas nasais por perfurações e a boca, mais profunda e algo aberta, tem junto dos cantos perfurações circulares onde foi aplicado freio e rédeas. Estas, um estreito fio de bronze hoje partido, destacavam-se dando possivelmente a volta ao pescoço do animal.

Cada par de patas está unido, rematando as dianteiras em descanso, ainda com a ponta de fusilhão no interior. As traseiras apresentam-se partidas, mas aderiam à sua extremidade uma peça em ferro, o eixo, que deixou ferrugem. A cauda do cavalo projecta-se em arco e está coberta por incisões idênticas às que sobre o pescoço representam as crinas. O dorso é levemente arqueado e os quadrís decorados por círculos concêntricos.

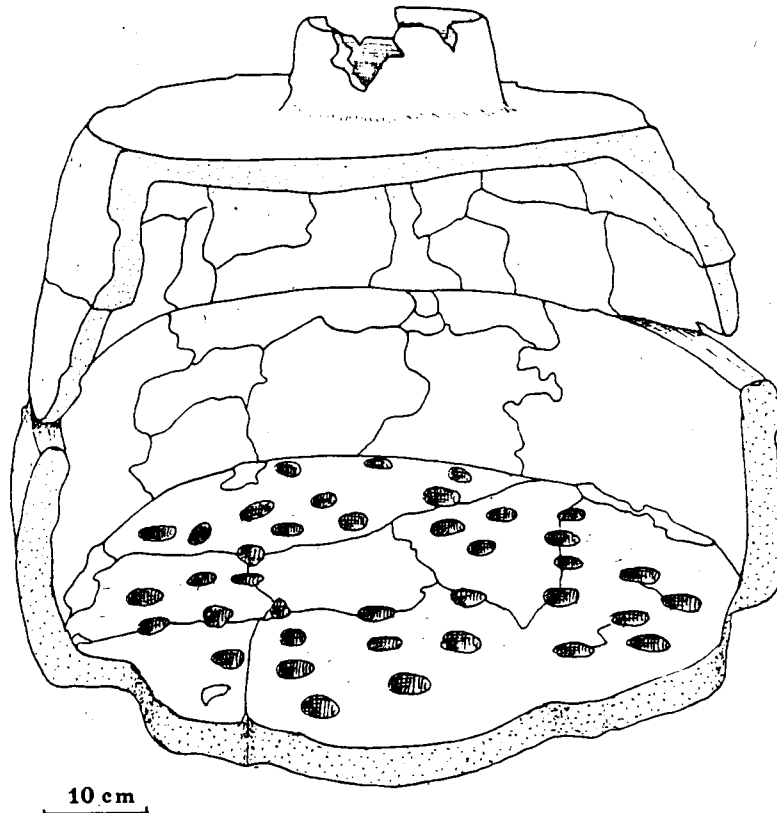
A segunda fibula em bronze, do tipo Sabroso, surgiu-nos ao nível do solo, no interior da construção circular, próximo de um dos esteios. Incompleta, apresenta um arco alto de secção losângica terminado hoje num dos topos por descanso. A outra extremidade adelgaça-se para enrolar em mola. A decoração, profundamente incisa, limita-se ao descanso e extremos de arco (Fig. VII 2).

Ao pé de uma fibula pode pertencer o tronco de cone vasado da Fig. VII 3. É maciço, tem a superfície lateral levemente arqueada e apresenta a perfuração segundo o eixo. Apareceu na vala I de 82, o mesmo sucedendo com a plaqueta rectangular (Fig. VII 5), lâmina fina com furo próximo das extremidades.

Um arco fechado de secção encurvada e lagura muito irregular estava no nível 4, junto da construção circular (Fig. VII 4).

A tipologia da primeira das fibulas pode, com não demasiada exactidão, ser aproximada dos

Fig. VIII



modelos mesetenhos, apoiada por mais alguns casos conhecidos em Trás-os-Montes. O volume e naturalismo com que foi executada cabe mal na distribuição morfológica de Schulle⁽¹¹⁾, mostrando maiores semelhanças com o exemplar de Palenzuela⁽¹²⁾. Em Portugal conhecia-se a fibula lameliforme com representação de cavalo do castro de Sacoias, Bragança⁽¹³⁾. Não é este o único modelo da Meseta que chega a Trás-os-Montes, como recentemente mostrou Salete da Ponte⁽¹⁴⁾, testemunhos de contactos que outros materiais permitirão repensar e calibrar⁽¹⁵⁾.

*

A cerâmica do Muro da Pastoria, frequente mesmo à superfície, é quanto a formas e técnica de fabrico, pouco variada. Podemos neste castro dizer com alguma segurança que as vasilhas seriam feitas no local. O argumento base da afirmação anterior é a existência de fragmentos de um ou mais fornos desmontáveis, muito idênticos aos de Castromao e ainda ao exemplar da Alta Saboia⁽¹⁶⁾ cujo desenho reproduzido (Fig. VIII). Em Castromano a parede inferior é mais elevada e menor a da tampa, apresentando decoração incisa.

No desenho da Fig. XII 5 vemos o rebordo arredondado da tampa ou da parede. A pasta, dura e arenosa, é coberta à superfície por uma camada de barro mais fino, alisado e micáceo. Apesar dos muitos fragmentos das paredes de barro não conseguimos reconstituí-las. A lage de base, com 6 cm de espessura, é de pasta mais grosseira. Os orifícios têm 3 a 3,5 cm de diâmetro (Est. VI 2).

Estes fornos poderiam cozer os púcaros (Fig. IX), grupo de vasilhas feitas à roda, com perfil irregular, que se distinguem dos demais pelo maior cuidado posto no seu fabrico. As pastas são mais finas, a superfície externa bem alisada, chegando este tratamento até no interior do colo. Por vezes o espatulado vertical evidencia-se. Depois da cozedura os tons dominantes são o acinzentado e o acastanhado escuros, podendo em manchas chegar ao avermelhado. A fuligem cobre grande parte dos vasos.

O perfil genérico dos púcaros é de fundo plano sem reforço, seguido por pança bastante bojuda, colo vertical com arranque marcado por aresta ou mais suave, em contracurva, e bordo boleado, na sequência da parede. Menos abundantes são os bordos aplanados e extrovertidos, com aresta interior. Desenhamos algumas variantes na Fig. IX. Notória a total ausência de asas ou marca do seu arranque.

Nas pouco mais de duas dezenas de vasos recolhidos durante a escavação os bojos decorados são raros. Destacamos um com linhas oblíquas ponteadas entre sulcos (Fig. IX 9) possivelmente seguido por outros temas, um com círculos concêntricos organizados em triângulo sob uma linha de SS (Fig. IX 10) e um fragmento mínimo com triângulo inciso de vértice para baixo rematado por círculos concêntricos (Est. VI 3).

A outra forma cerâmica frequente neste povoado é um recipiente de grandes dimensões (Fig. X) e muito pouca mobilidade, com perfil geral semelhante ao dos púcaros, mas de enorme pança elíptica.

O fabrico em pasta mais arenosa, o menor cuidado com as superfícies e uma pior cozedura fazem destes grandes vasos de paredes delgadas peças muito frágeis. Pensamos que não poderiam ter sido cozidos nos fornos descritos.

Erguidos com a ajuda da roda (?), o perfil é irregular e as marcas dos dedos sensíveis no interior. Os fundos foram seguramente feitos à parte pois têm tendência a deslocar das paredes no ponto em que um leve reforço encobria a ligação.

Desenhamos algumas variantes dos bordos (Fig. XI), por vezes bastante elaborados, com arestas e facetados marcados. Os bojos muito raramente eram reforçados por toros lisos.

(11) SCHULLE, Wilhelm — *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*. Berlin, 1969 p. 152 e segs.

(12) CASTRO GARCIA, Lazaro de — *Proceso de aparición de ls primeras ciudades en suelo palentino y recientes hallazgos arqueológicos en Palenzuela*. Publicaciones de la Institucion Tello Tellez de Meneses. Palencia, n.º 33, 1972, p. 140. A Angel Esparza agradeço a informação precedente bem como a recomendação de que não fosse tentada a comparar esta fibula zoomórfica com representação equídea com as fíbulas de cavalo tão vulgares em Espanha.

(13) ALVES, Francisco Manuel — *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*: Bragança, V.X 1978, p. 52. idem — O castro de Sacoias. *O Archeologo Português*. Lisboa V.XII 1907, p. 267 e Fig. 3.

(14) PONTE, Salete da — Fíbulas de sítios a Norte do rio Douro. *Lucerna*. Porto, 1984, p. 115 e segs.

(15) ESPARZA ARROYO, Angel — Sobre el limite oriental de la cultura castreña. *II Seminario de Arqueologia del Noroeste*. Madrid, 1983, p. 105 e segs.

idem — Los castros de Zamora occidental y Trás-os-Montes oriental: habitat y cronologia. *Portugália*. Nova série. Porto, v. IV/V 1983/84, p. 131 e segs.

(16) BOCQUET, Aimé — Les civilisations de l'Age du Bronze dans les Alpes. *La prehistoire française*. Paris, v.II 1976, p. 493, f.6.1.

A terceira e última forma, documentada apenas por um exemplar achado ao lavrar mais fundo o campo B, é o vaso de asas interiores (Fig. XII 4). Estas são de secção circular. O fundo está no prolongamento da parede, marcado por aresta leve. A fuligem cobre a parede externa, rugosa, enquanto que a interna se encontra alisada.

Algumas patelas e coeiros foram cortados em restos de vasos, e apenas um elaborado em esfera vasada, levemente achatada (Fig. VII 6 a 8).

*
* . *

Ao terminar este relatório da campanha de escavações no Muro da Pastoria (1982/83), tentaremos apontar uma primeira hipótese de cronologia para o povoado ou pelo menos para uma das fases, já que os trabalhos são muito limitados.

Na ausência de materiais com datação precisa e de sequências esclarecedoras dentro desta estação ou de outras próximas, indicaremos o século I aC genericamente como período em que simultaneamente se utilizou a roda de oleiro para o fabrico de cerâmicas escuras muito cuidadas e se desenvolveu grandemente a metalurgia do ferro, esta com reflexos no aparelhamento dos blocos pétreos, que se apresentam bem picados e colocados com esmero. A presença das fibulas zoomórfica e do tipo Sabroso não contraria esta atribuição.

Outro aspecto que nos merece reflexão é o posicionamento ambíguo desta área do vale do Tâmega, para onde confluem aportações atlânticas e interiores, marcadas neste povoado pela tipologia das fibulas e também da cerâmica, que se não é já a característica do Entre-Douro-e-Minho está ainda bem mais longe da meseterna, identificando-se mais com o pouco que se conhece de Trás-os-Montes, Orense e Zamora.

De realçar, finalmente, a importância de metalurgia em povoados do Alto Tâmega, já patenteada pelo achado de 200 kg de cassiterite, hematite, pirite de ferro e possíveis restos de forno no castro de Carvalhelhos⁽¹⁷⁾. Maior intensidade de achados ocorre na Galiza, em contraste com a escassez verificada no Entre-Douro-e-Minho.

⁽¹⁷⁾ SANTOS JÚNIOR, J.R. — O castro de Carvalhelhos. *Trabalhos de Antropologia Etnologia*. Porto, v.XVI 1985, p. 48 e segs. e v.XIX 1964, p. 361 e segs., v.XX 1966, p. 183, 186.

Fig. II

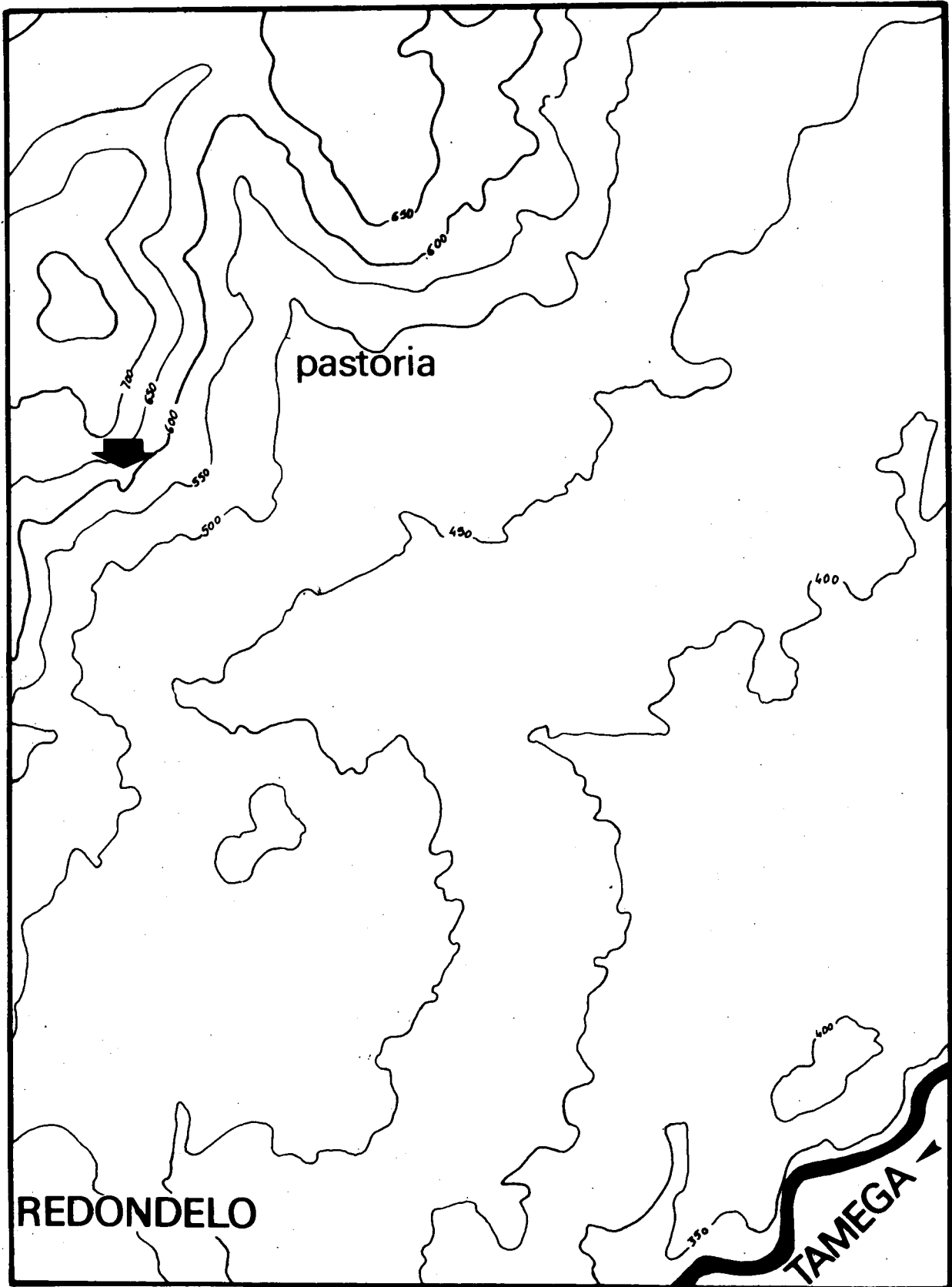


Fig. III

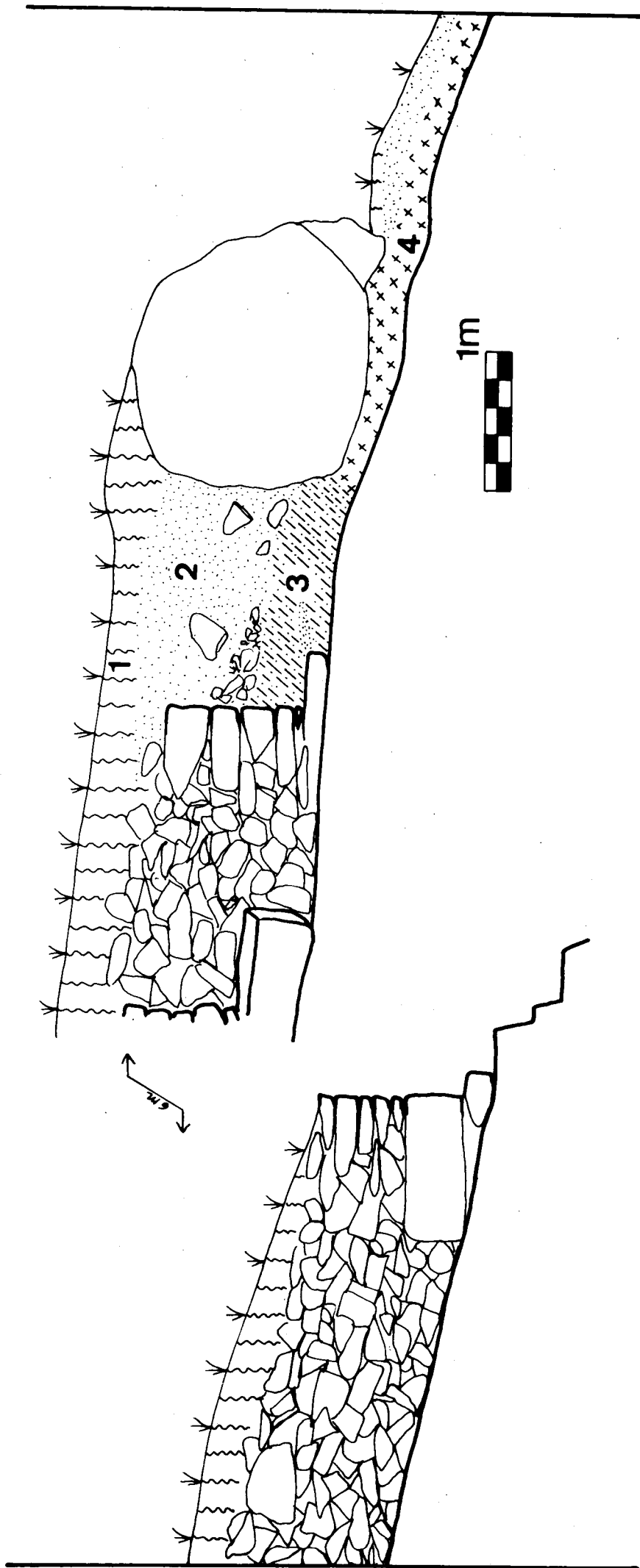


Fig. IV

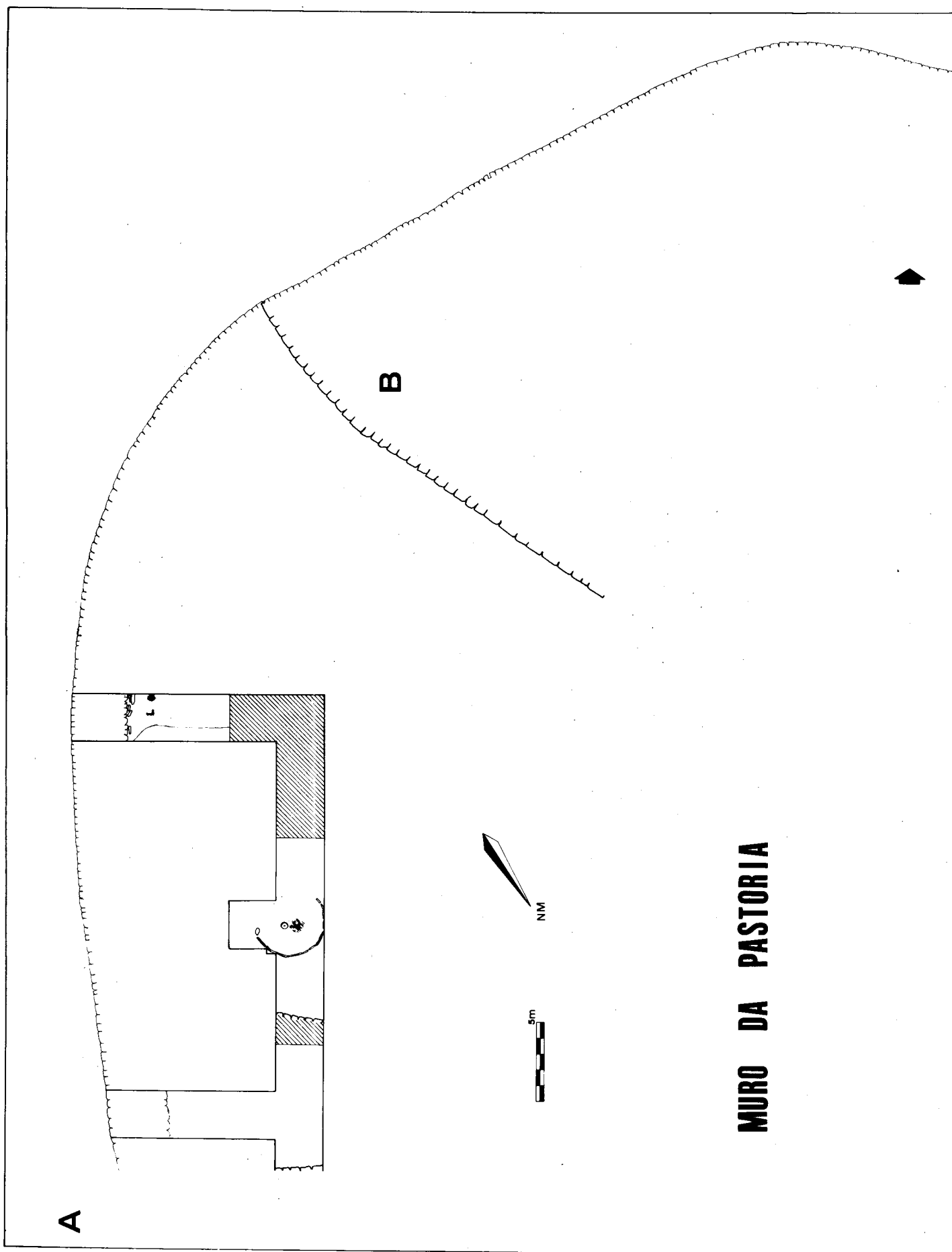


Fig. V

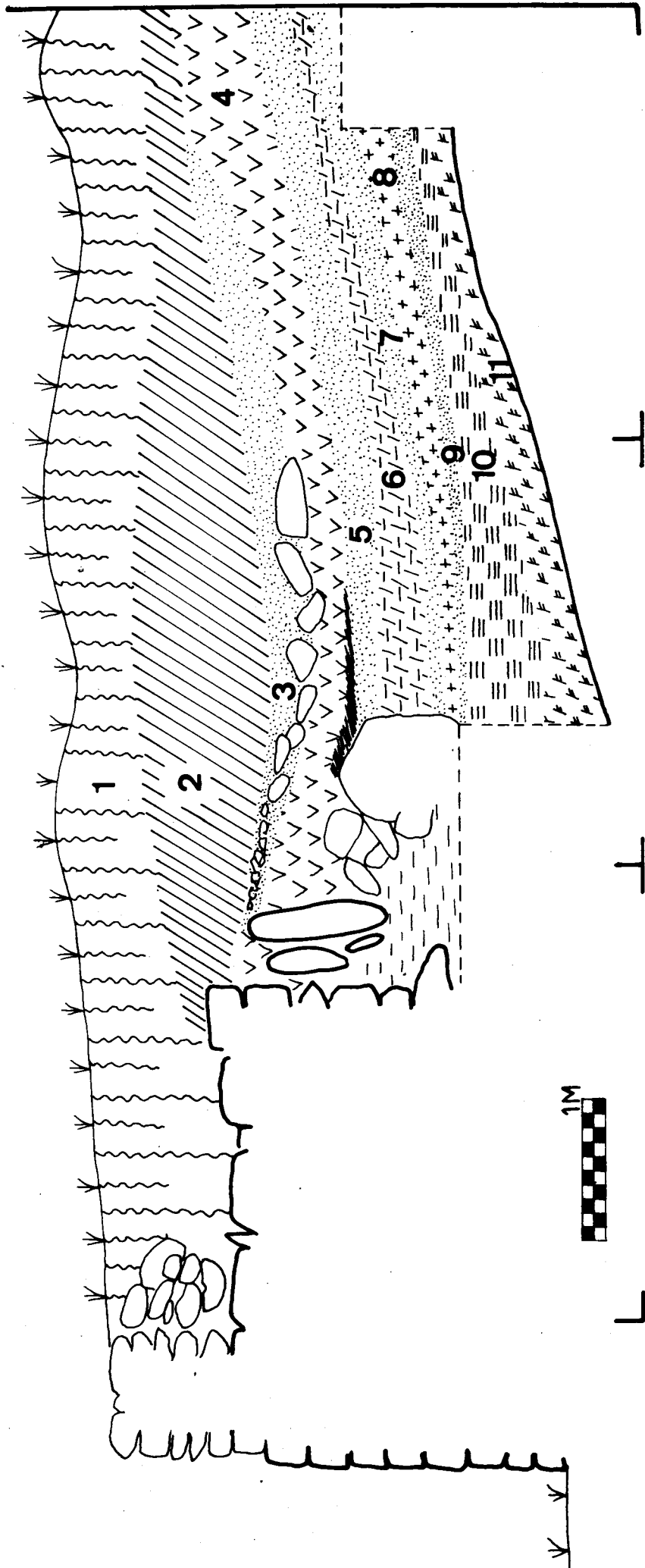


Fig. VI

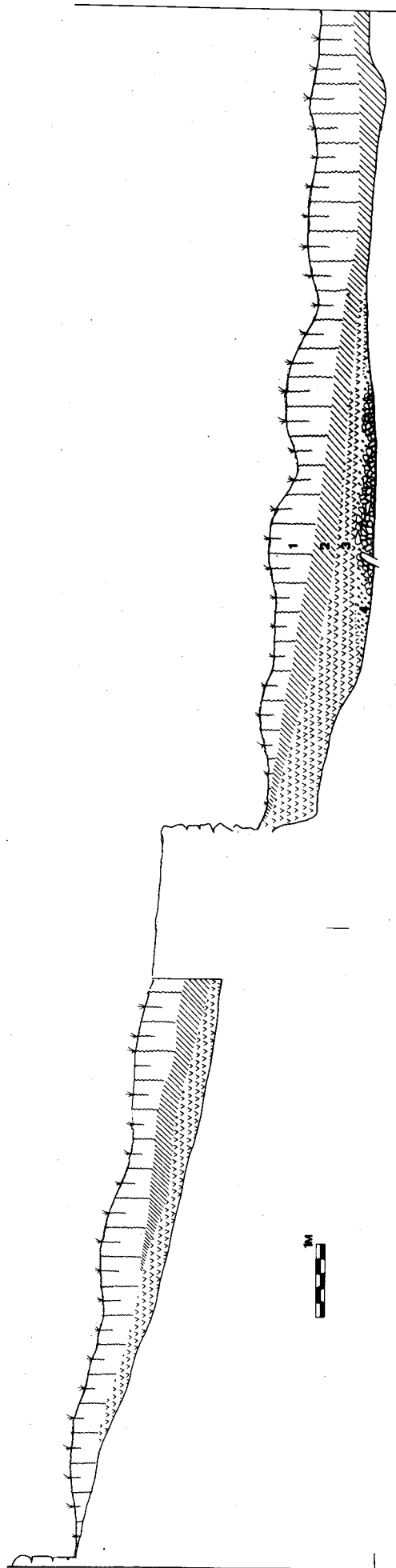
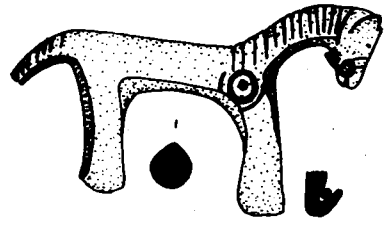


Fig. VII



2



1



3



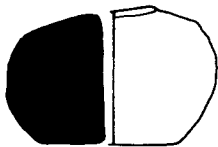
4



5



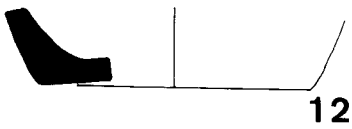
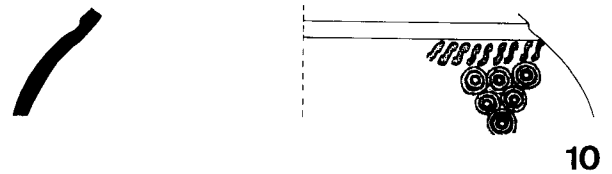
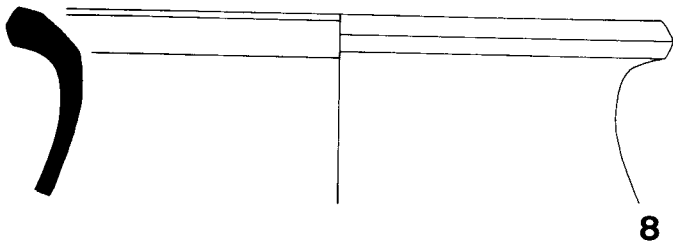
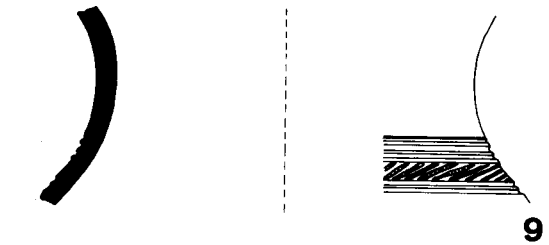
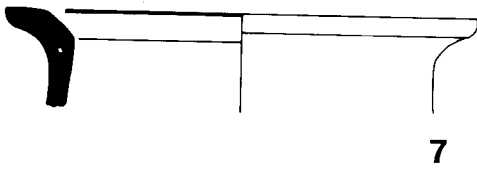
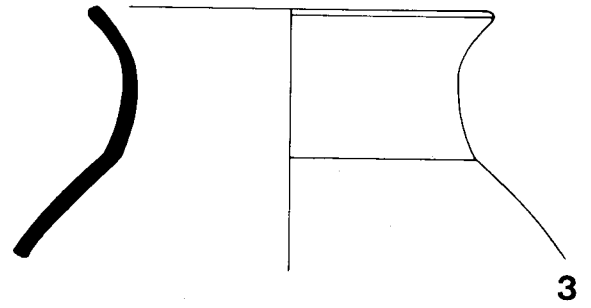
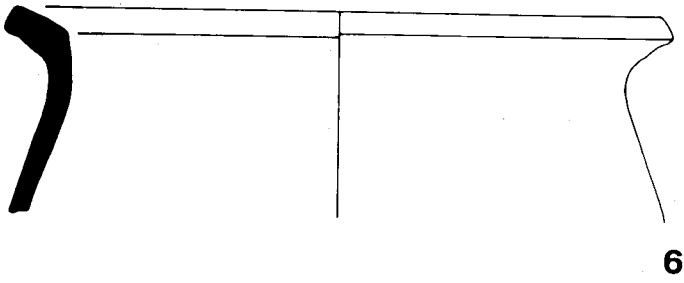
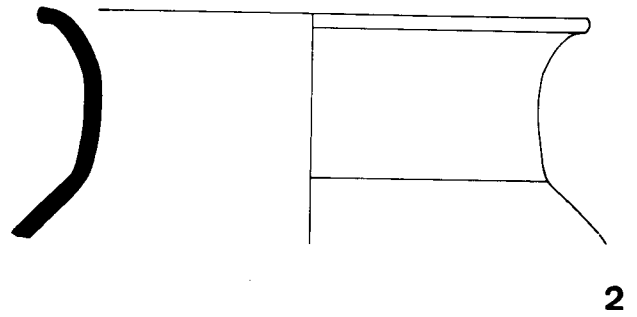
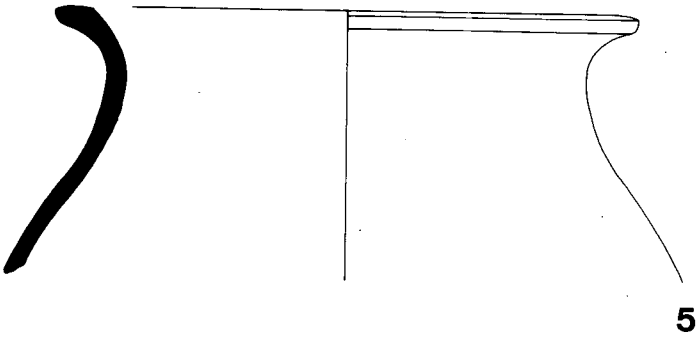
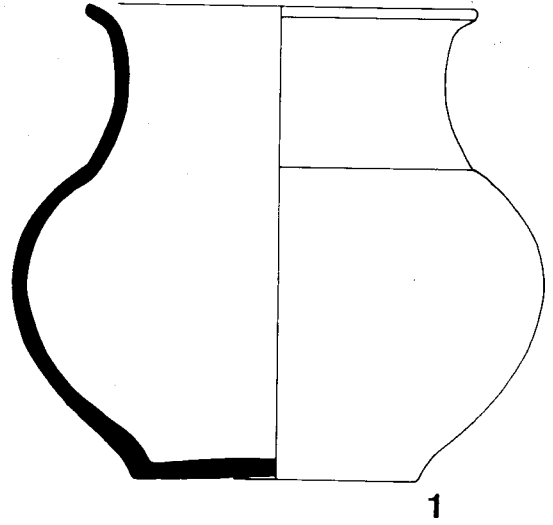
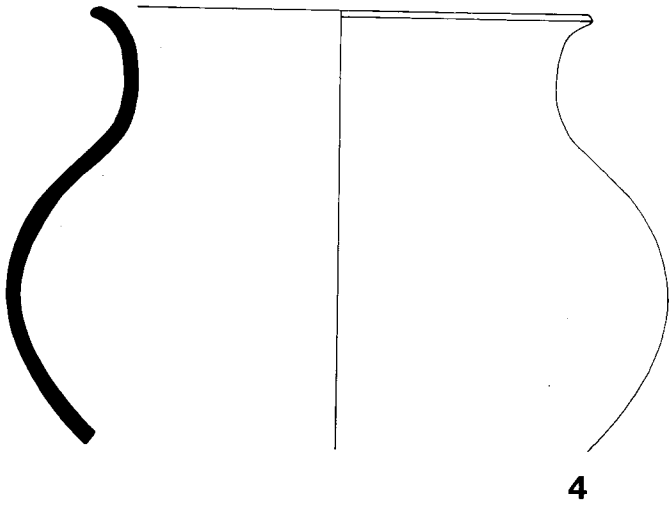
6



7

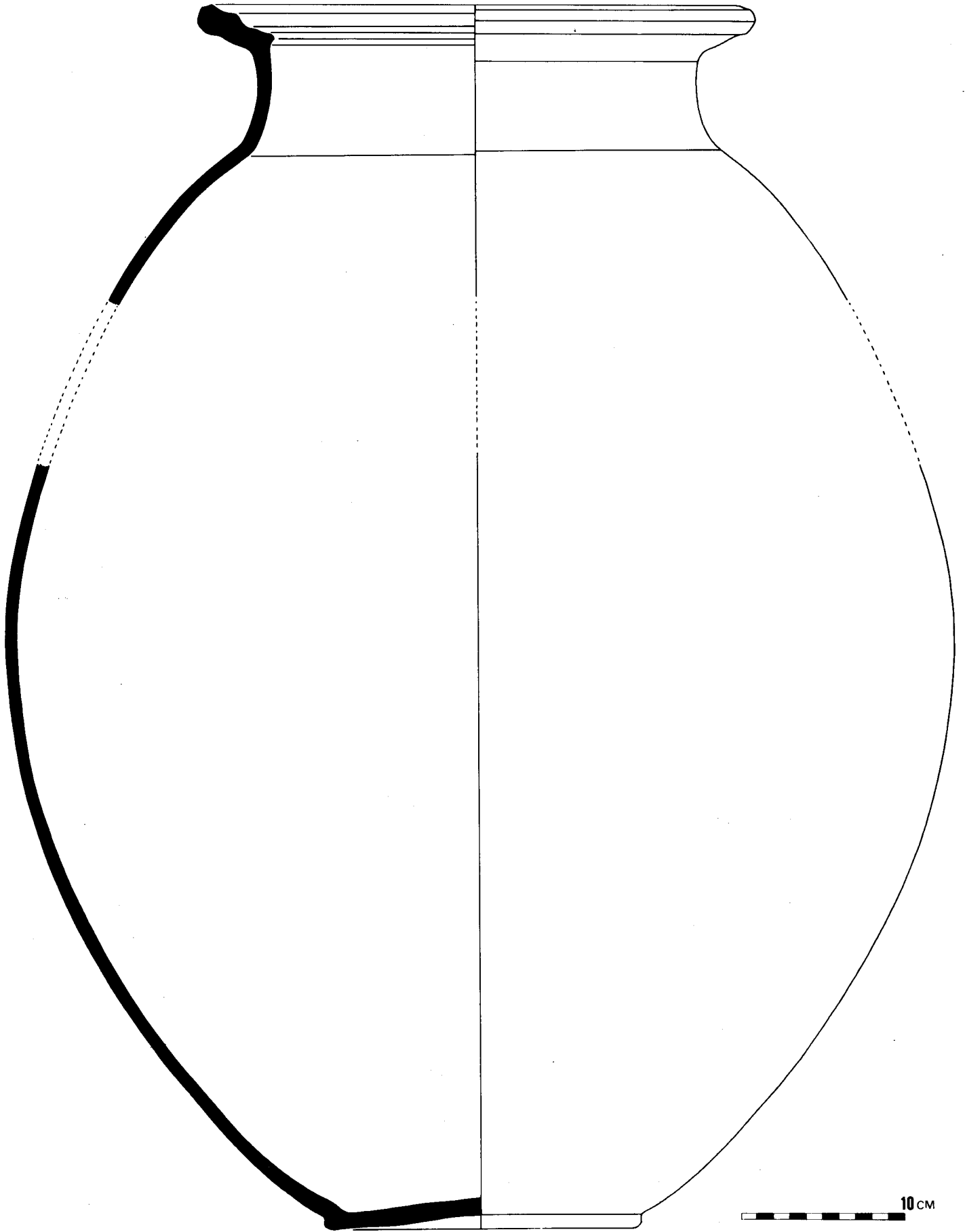


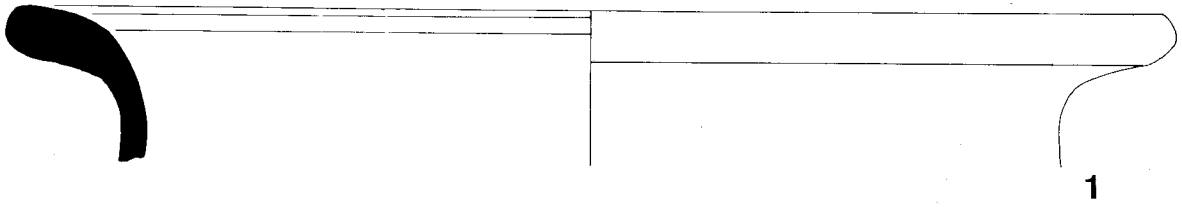
8



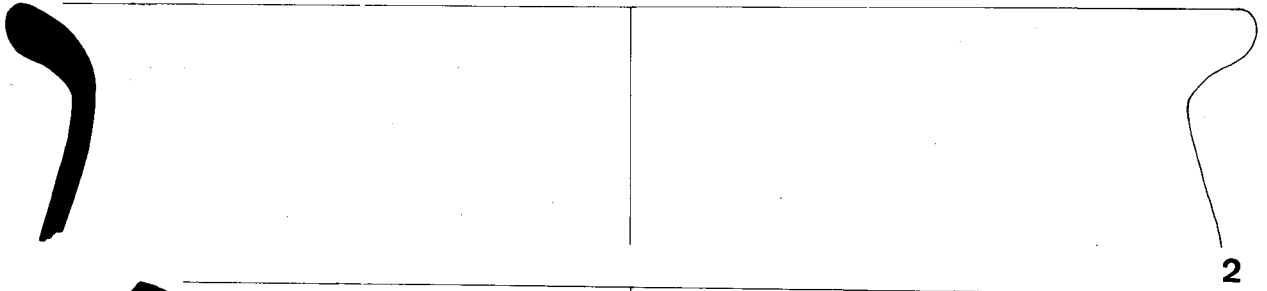
Esc. 1:2

Fig. X

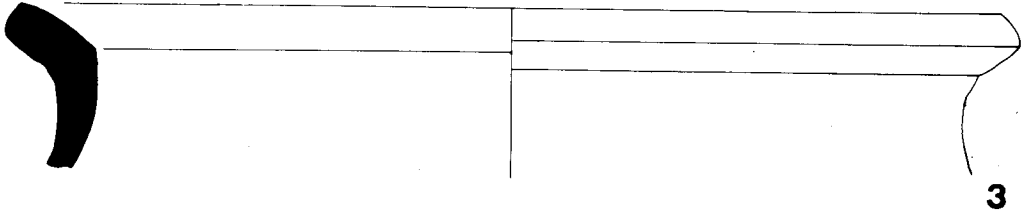




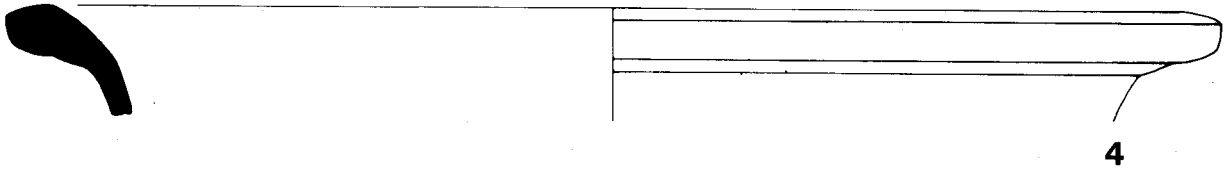
1



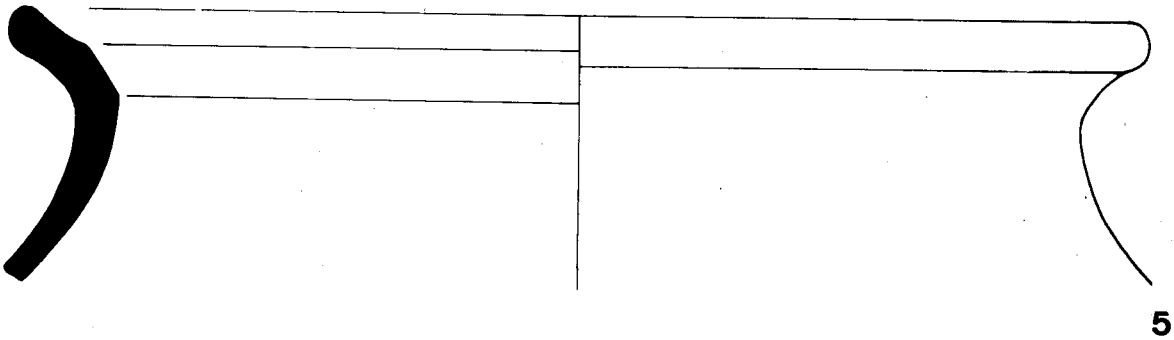
2



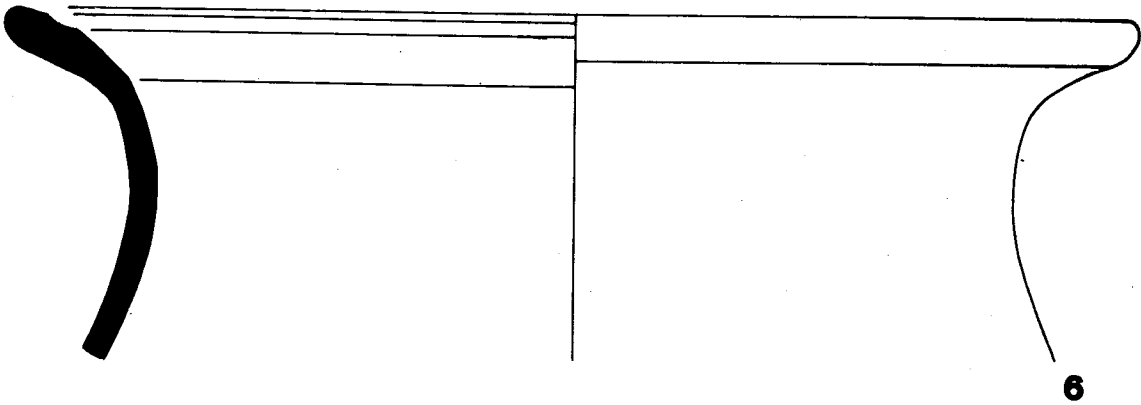
3



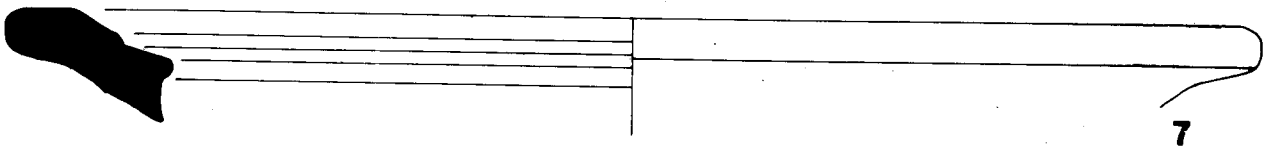
4



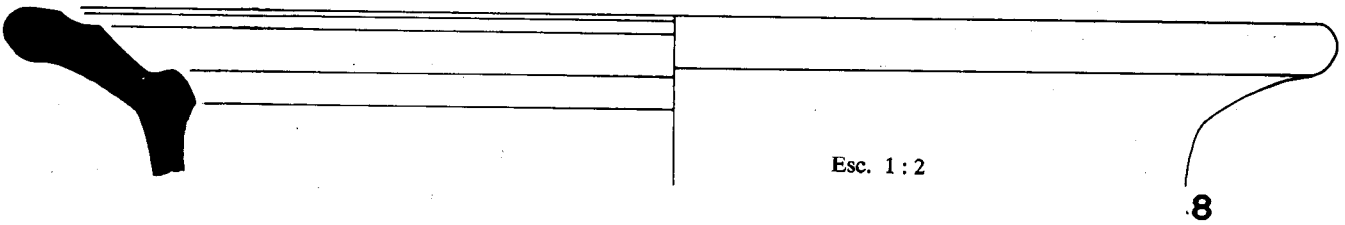
5



6



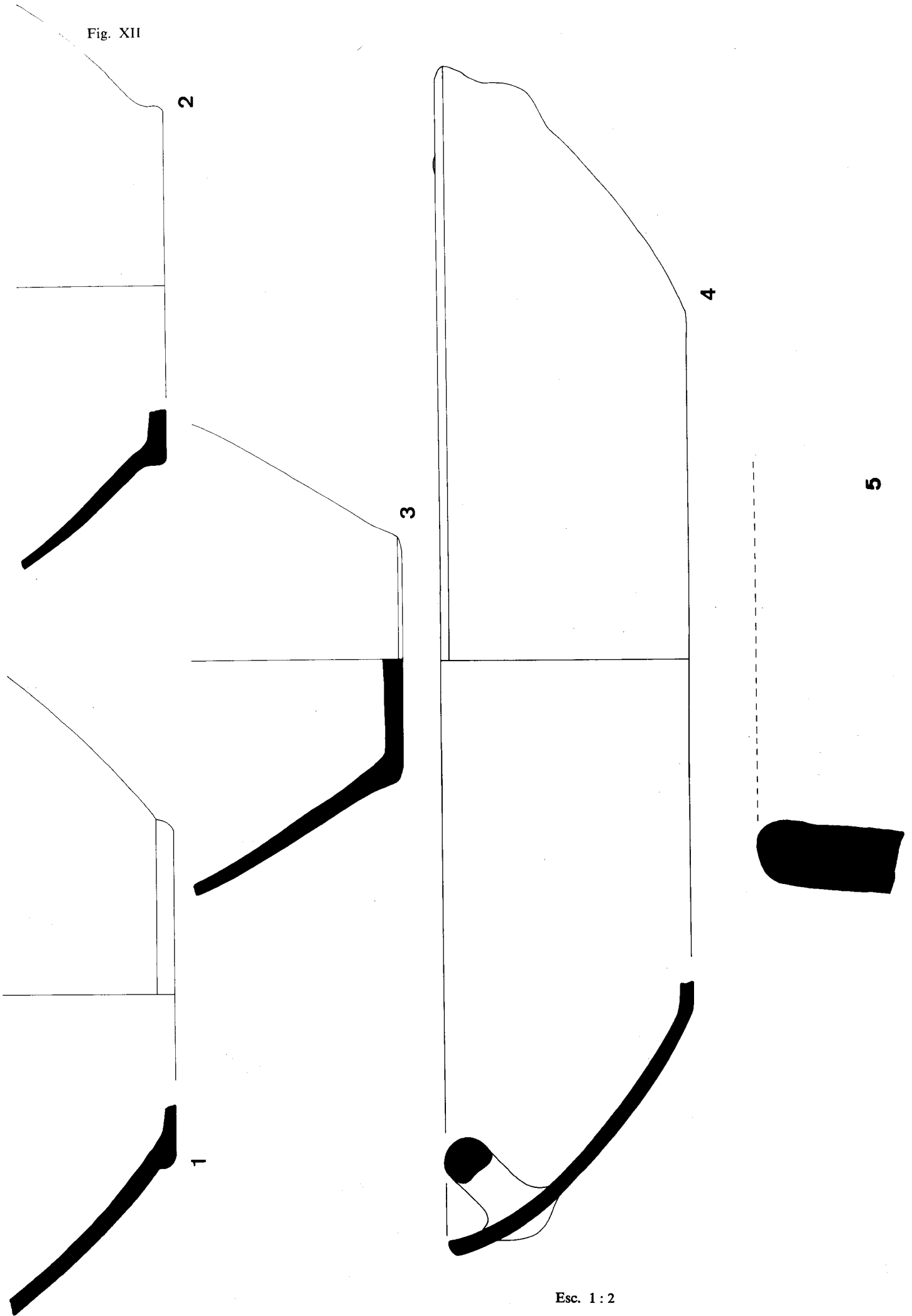
7



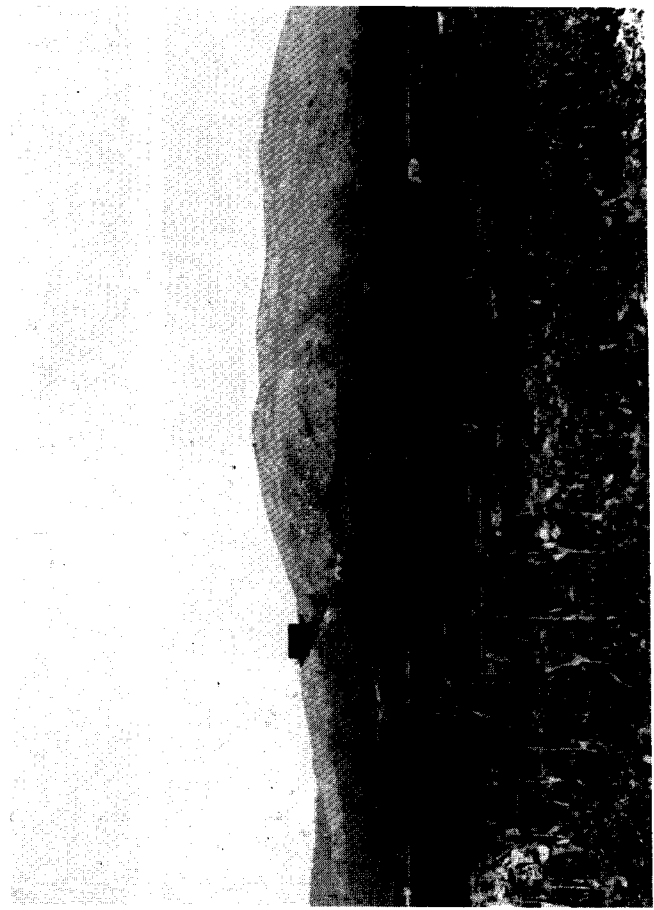
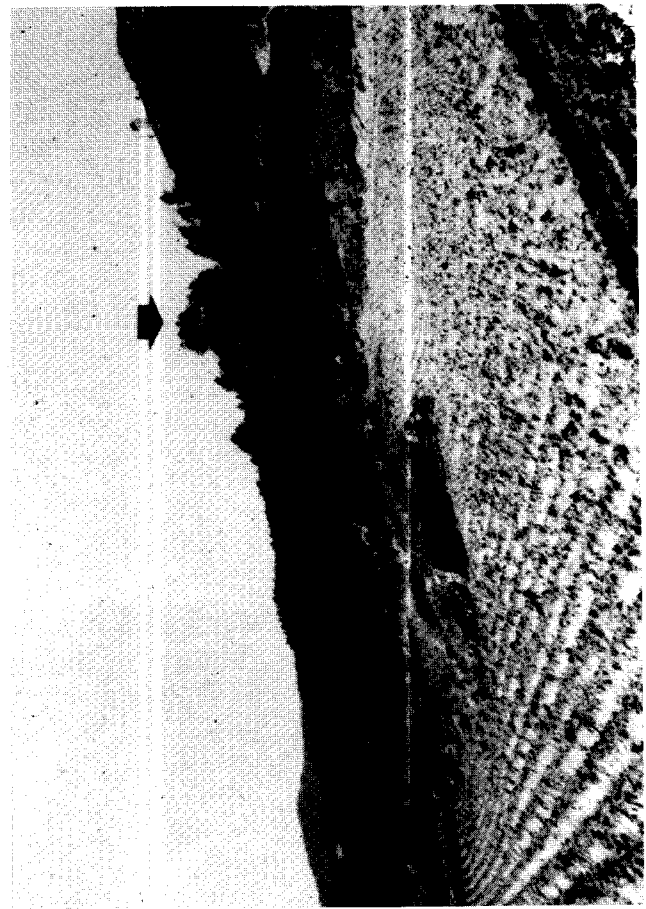
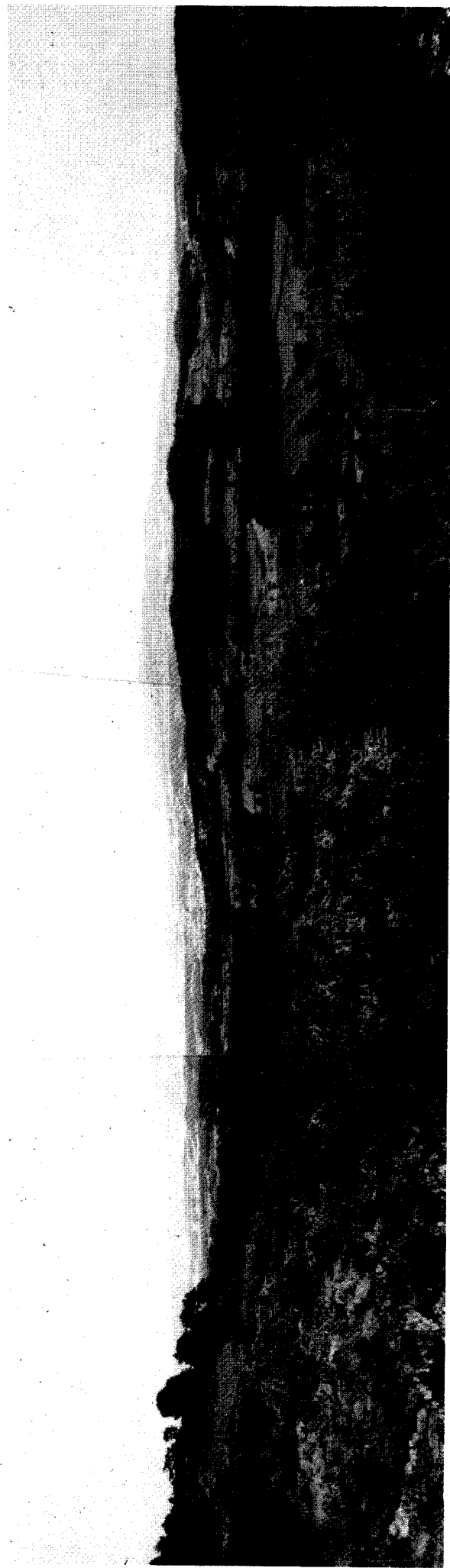
8

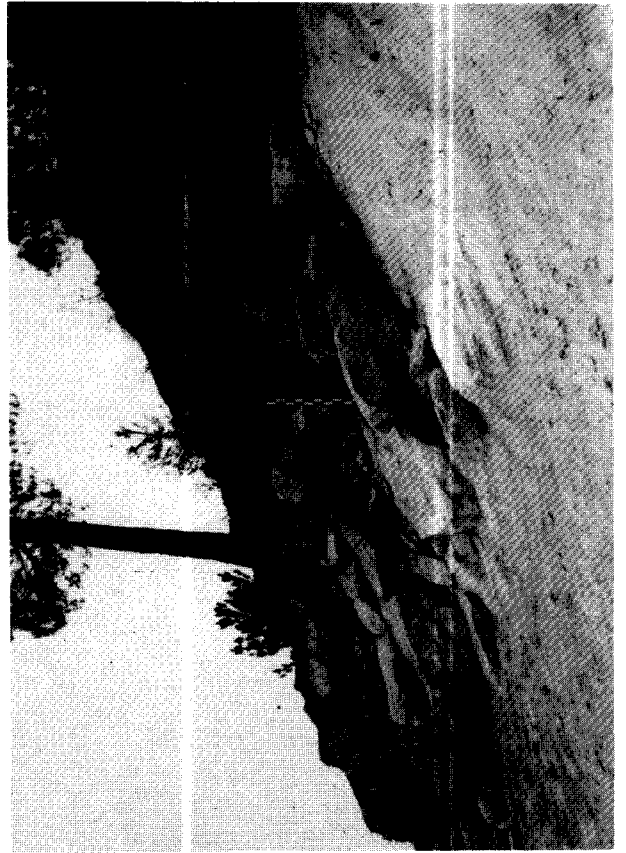
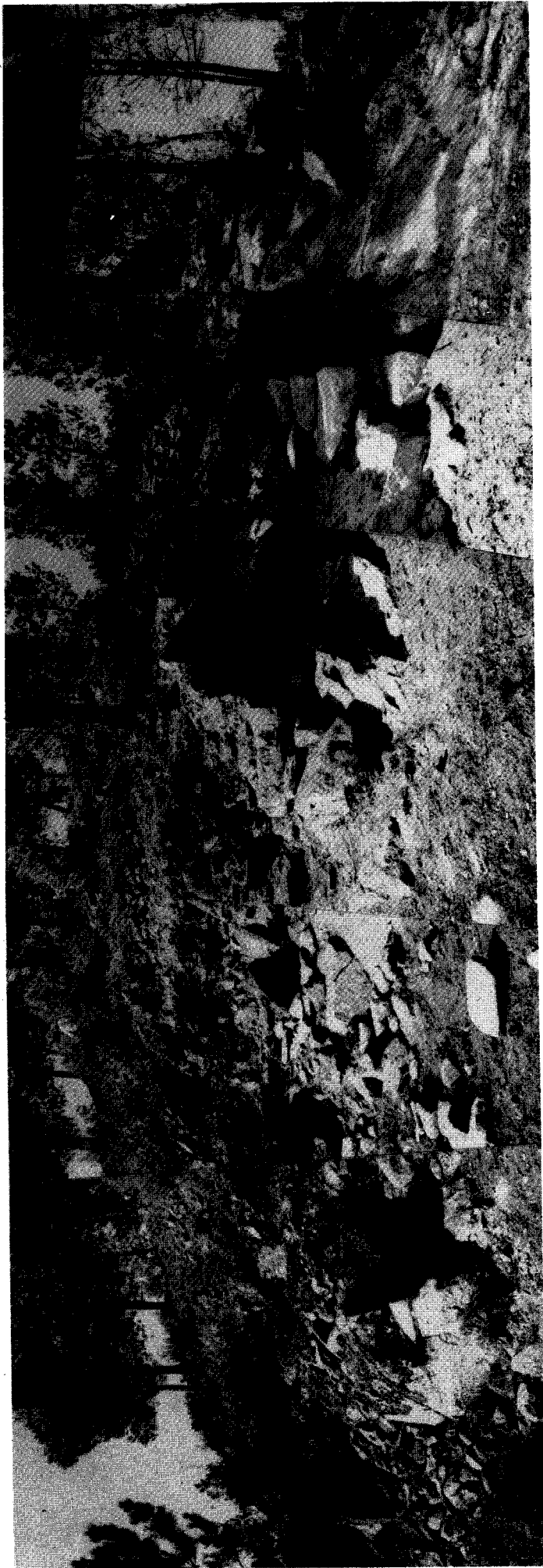
Esc. 1:2

Fig. XII

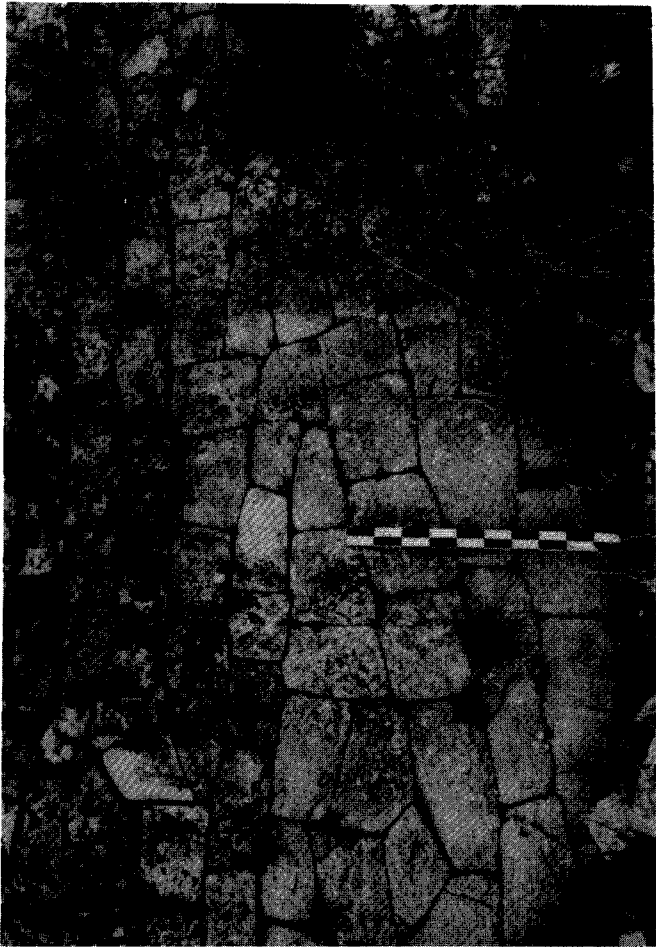


Esc. 1 : 2





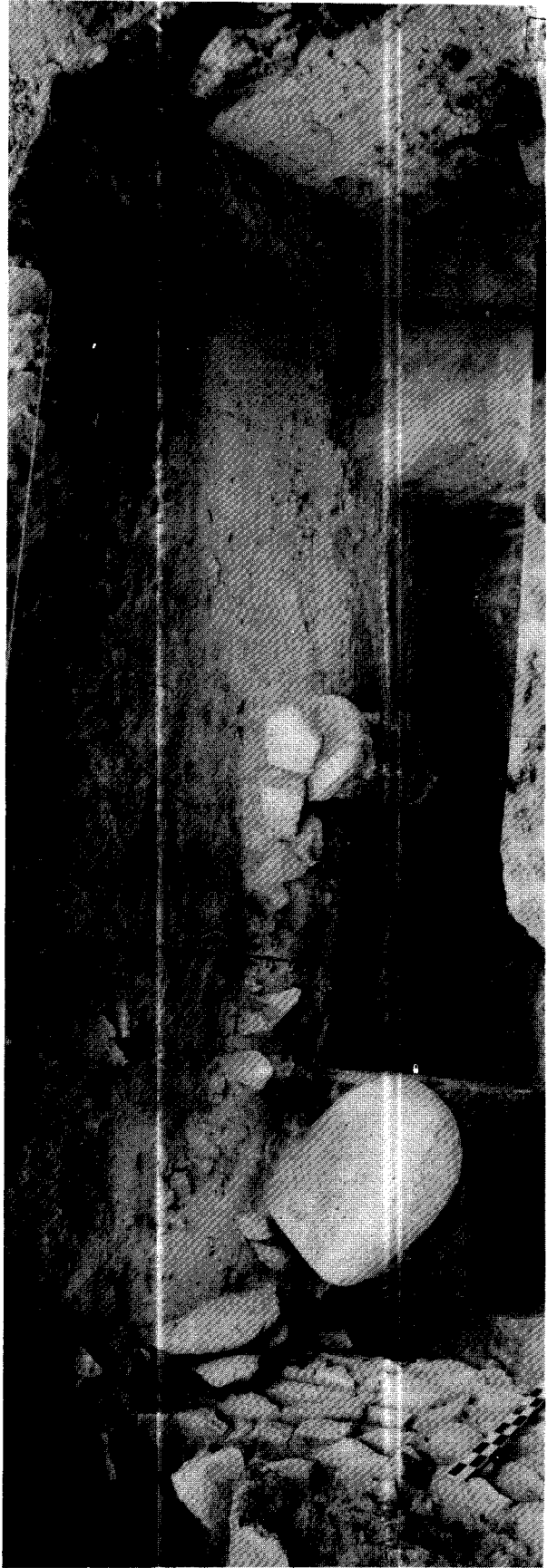




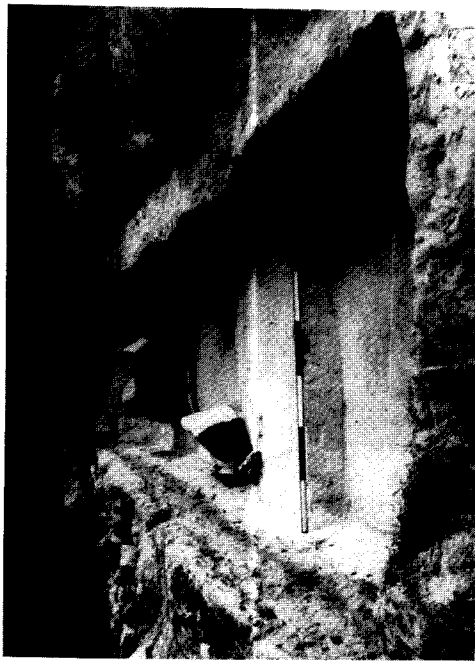
2



1

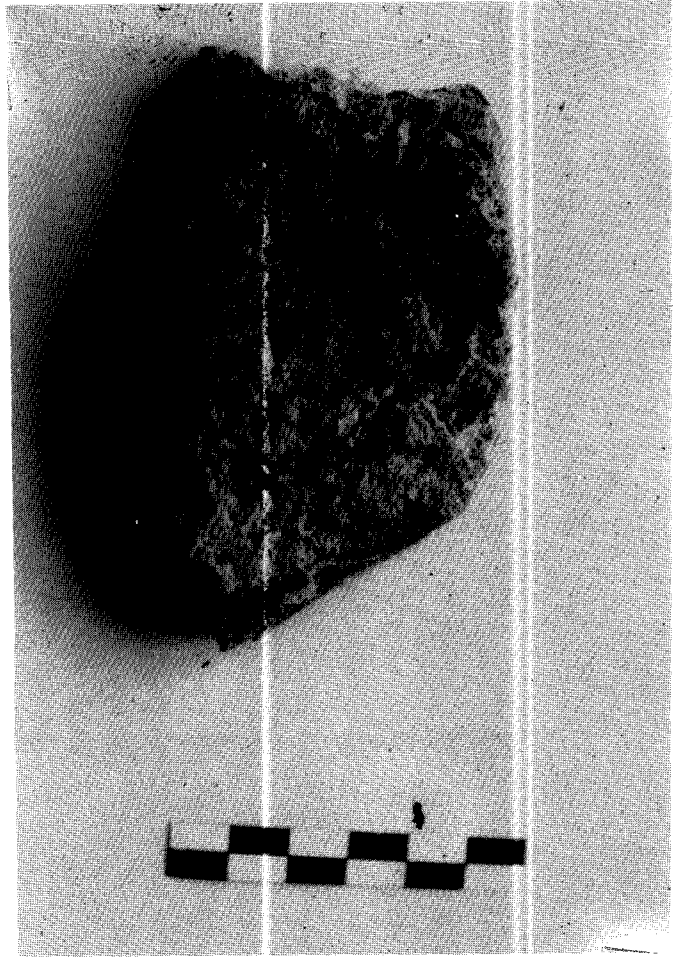


3

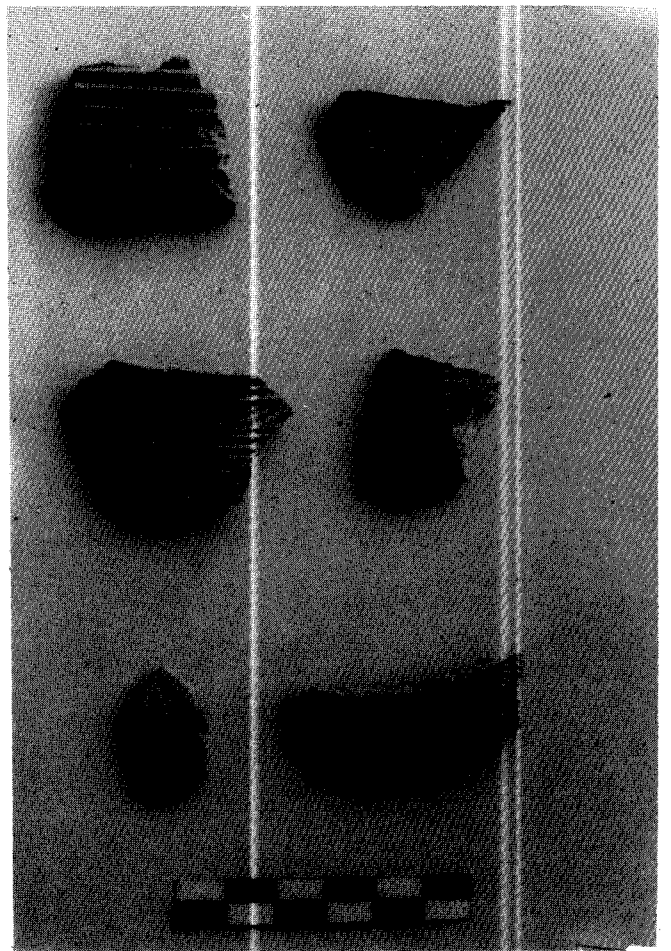




2



1



3